

EDUCAÇÃO DO CAMPO: SEUS SUJEITOS DIVERSOS E SUAS PEDAGOGIAS

FONTES, Roberta Brangioni

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social
(PPGDS)
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Bolsista
CAPES
betabrangioni@yahoo.com.br

MACÊDO, Magda Martins

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social
(PPGDS)
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
magdamartinsm@yahoo.com.br

GOMES, Maria Auxiliadora Amaral Silveira

Doutora em Educação (UFMG)
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)
maria.gomes@unimontes.br

FRANCO, Andréa Lafetá de Melo

Mestre em Educação, Administração e Comunicação
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
andrea.franco@unimontes.br

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo nasceu na década de noventa, como fruto das lutas dos movimentos sociais do campo e organizações parceiras, por uma educação libertadora contextualizada à realidade do campo. Nesse processo, destaca-se o protagonismo do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil (MST), motivado pela busca por outro modelo de educação para as áreas da reforma agrária.

O paradigma da Educação do Campo contrapõe-se ao paradigma hegemônico da educação rural, que concebe a educação a partir de uma perspectiva urbanocêntrica, homogeneizante e descolada da realidade dos sujeitos do campo, apresentando a cidade como o lugar do progresso, enquanto o campo é estigmatizado como o lugar residual do atraso. O paradigma da Educação do Campo, por sua vez, compreende o campo como um



território de vastas possibilidades de vida, busca uma prática pedagógica libertadora e contextualizada à realidade de seus diversos sujeitos, estando profundamente ligada à materialidade das lutas dos movimentos sociais do campo por justiça social, como por exemplo a luta pela reforma agrária popular. Portanto, a Educação do Campo não deve ser descolada dessa materialidade, na qual reside sua própria raiz e destino.

Nesse sentido, o minicurso “Educação do Campo: seus Sujeitos Diversos e suas Pedagogias” consistiu em um exercício de formação humana intencionando a troca de conhecimentos entre participantes e mediadoras sobre a diversidade dos sujeitos coletivos e de direito da Educação do Campo, e ainda a reflexão crítica sobre as Pedagogias envolvidas nas práticas político-pedagógicas nas Escolas do Campo. Os objetivos específicos da proposta foram: a) identificar a diversidade dos sujeitos coletivos e de direito da Educação do Campo; b) conhecer a definição de Populações do Campo das Diretrizes da Educação do Campo do Estado de Minas Gerais, Res. SEE N° 2820/2015, observando a perspectiva da Diversidade; c) conhecer e analisar criticamente aspectos das Pedagogias imbricadas à Educação do Campo, e sua contribuição à formação humana.

METODOLOGIA

O minicurso prezou pela utilização de metodologias participativas, inspiradas e gestadas no seio das matrizes pedagógicas que compõem a Educação do Campo, como por exemplo, o Círculo de Cultura, concebido no movimento da Educação Popular. Inspirado pelo pensamento freiriano, Carlos Rodrigues Brandão (2010), afirma que no Círculo de Cultura, o professor aparece como o mediador de um diálogo entre pessoas que se propõem a construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende, e onde, “aprender a dizer sua palavra” é peça fundamental no processo de aprender. Assim, um dos princípios fundamentais do Círculo de Cultura é a Dialogicidade.

Prezando por esse princípio, o encontro teve início com uma Mística de abertura composta por cantos da cultura popular e poesia, apresentação de todos os participantes, Círculo de Cultura com discussão sobre os materiais teóricos enviados



previamente para estudo, exposição dialogada com slides e vídeos, dinâmica com tarjetas, avaliação coletiva do minicurso e Mística de encerramento.

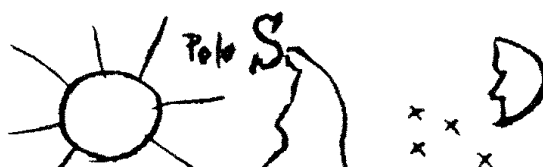
Os materiais enviados aos inscritos para estudo prévio, foram determinados verbetes do Dicionário de Educação do Campo (CALDART et al., 2012), e ainda links de documentários sobre a diversidade de sujeitos do campo, com um recorte especial para a realidade do Semiárido Mineiro.

Apesar da realização do minicurso em plataforma online, o que dificulta a fluidez da participação e entrosamento entre os envolvidos, os princípios educativos da dialogicidade e da leitura crítica de mundo foram estimulados e exercitados.

DISCUSSÃO

A Educação do Campo teve como influências basilares: a *Pedagogia Socialista*, construída com base no legado de Marx e Engels, e tendo como um de seus cernes o trabalho como princípio educativo (FRIGOTTO, 2017); a *Pedagogia do Oprimido*, gestada no movimento da educação popular no Brasil, principalmente a partir do trabalho de Paulo Freire (1987); e a *Pedagogia da Alternância*, que consiste em uma proposta pedagógica para jovens do campo surgida na França, baseada no trabalho como princípio educativo e na alternância entre os espaços-tempos da aprendizagem, sendo um período vivenciado na escola e outro na comunidade (SILVA, 2003). Tendo essas matrizes como inspiração, ao longo das experiências, foi sendo forjada a própria *Pedagogia do Movimento*, que compõe a práxis da Educação do Campo. Sobre tal matriz formadora, Caldart assim se pronuncia:

Sua lógica ensina sobre como fazer a formação humana em outras situações, mesmo institucionais, mas também pode ajudar a intencionalizar as próprias ações da luta na direção de objetivos mais amplos: pensar como cada ação – seja uma ocupação, uma marcha, uma forma de produção de alimentos – pode ajudar no processo de formação de seus sujeitos: como Sem Terra, como camponês, como trabalhador, como classe trabalhadora, como ser humano; que valores propõe, nega ou reforça; que postura estimula diante da luta, da sociedade, da vida; e que desafios de superação coloca à sua humanidade. (CALDART, 2012, p. 546-553).



Um panorama dos princípios e práticas dessas pedagogias foi apresentado e discutido junto aos participantes, que puderam também vivenciar algumas dessas práticas ao longo do minicurso.

Os documentários utilizados sobre os assentamentos, escolas-família agrícola, povos e comunidades tradicionais (camponeses, quilombolas, indígenas, geraizeiros, vazanteiros, apanhadores de flores) do Semiárido Mineiro, possibilitaram maior conhecimento acerca dos modos de vida tradicionais da região, seus saberes, fazeres e experiências pedagógicas na educação formal e não-formal. Assim, instigaram discussões e trocas entre os participantes, que por sua vez, também eram provenientes de diversos locais do Brasil, do Rio Grande do Sul ao Pará, sendo muitos deles, profissionais já envolvidos de alguma forma com a Educação do Campo.

O trabalho com os documentários permitiu visualizar que assim como a realidade do campo brasileiro é diversa e complexa, também são os sujeitos da Educação do Campo, como está expresso nas Diretrizes da Educação do Campo do Estado de Minas Gerais (2013), que entendem por populações do campo:

os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (p. 23).

Nesse sentido, foi possível compreender como a Educação do Campo contempla os processos da formação humana vivenciados nos espaços familiares, comunitários e nas organizações sociais do campo para além do espaço escolar, compreendendo que a formação humana, de crianças, jovens, adultos, anciãos, se dá na interrelação e aprendizagem de experiências diversificadas em espaços diversificados. Para Arroyo

O reconhecimento da diversidade de coletivos em lutas por terra, território, trabalho, educação, escola está presente na história da defesa de outra educação do campo nas conferências, no fórum e na pressão por políticas públicas, na proximidade dos cursos de Formação de Educadores, Pedagogia da Terra e Formação de Professores para o campo, indígenas, quilombolas etc. A diversidade está exposta e exige reconhecimento (ARROYO, 2012, p.231).



É nesse contexto que a Educação do Campo vem resgatando e assumindo experiências político-pedagógicas que se constituíram historicamente em uma diversidade de contextos de transformação societária, e ainda conformando outras concepções dos fazeres pedagógicos na dinâmica da formação humana como a Pedagogia do Movimento, vislumbrando então a emancipação humana e a superação da sociedade de classes, tanto no espaço e para além dele.

A Educação do Campo aponta para a autonomia de um projeto político-pedagógico diante do Estado e reafirma o direito ao atendimento escolar com as suas especificidades por parte do povo, aqui em especial para as populações do campo, afirmação essa defendida pelo Movimento da Educação do Campo. Daí a reafirmação do valor do reconhecimento pelo Estado dos fazeres populares, no que diz respeito à educação pública em seus diversos contextos socio-ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, o minicurso possibilitou aos participantes conhecer os princípios e práticas das diferentes matrizes pedagógicas que inspiram a Educação do Campo; conhecer e refletir coletivamente sobre a diversidade de sujeitos do campo, seus modos de vida, saberes e experiências pedagógicas contextualizadas às suas realidades; apropriar-se de elementos teóricos para aprofundarem suas práticas enquanto estudantes, pesquisadores e /ou educadores ligados à Educação do Campo. O acesso a tais conhecimentos e reflexões carregadas de especificidades, mas também de âmbito universal, contribuiu no aprofundamento da ‘leitura de mundo’ e formação humana, epistemológica e política dos participantes.

Enfim, percebendo ser a educação um processo vital do humano, o momento despertou para a importância e compromisso para com a Educação Pública como direito de todos e todas, aqui em especial para as populações do campo, em sua complexidade e diversidade.



Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

ARROYO, Miguel G. **Diversidade**. In: CALDART, Rosely Salete et al (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular. Rio de Janeiro, 2012. p. 629-637.

BELO HORIZONTE. Secretaria de Estado de Educação. 2015. **Diretrizes da Educação do Campo do Estado de Minas Gerais**. 2015. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Diretrizes%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo%20do%20Estado%20de%20Minas%20Gerais.pdf>> Acesso em: 09 jan. 2020.

BRANDÃO, C. R. Círculos de Cultura. In: STRECK, D. R.; Redin, E. e Zitkoski, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**, 2008. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439 p.

CALDART, Rosely Salete. **Pedagogia do Movimento**. In: CALDART, Rosely Salete et al (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular. Rio de Janeiro, 2012. p. 629-637.

_____, et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular. Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Vozes, Petrópolis, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O legado de Marx para a construção do projeto da pedagogia socialista**. In: CALDART, R. S. e VILLAS BÔAS, R. L. (orgs.) Pedagogia Socialista. Legado da revolução de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 207-232.

SILVA, L. H. **As experiências de formação de jovens do campo** – Alternância ou Alternâncias? Viçosa: UFV, 2003.

